

A VOZ DA REVOLUÇÃO

ÓRGÃO OFICIAL DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO)

25 de SETEMBRO
1973

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA FRELIMO

*AO POVO MOÇAMBICANO, COMBATENTES DAS FPLM
E MILITANTES DA FRELIMO POR OCASIÃO DO DIA
DA REVOLUÇÃO MOÇAMBICANA.*





C A M A R A D A S,

Hoje dia 25 de Setembro de 1973 é o Dia da Revolução Moçambicana, nono aniversário do desencadeamento da nossa guerra popular de libertação contra o colonialismo português e o imperialismo. É o dia em que pelas armas o nosso Povo desencadeou a sua insurreição geral e iniciou uma nova fase gloriosa da sua História.

O nono ano da nossa luta viu transformar-se profundamente a situação interna e mundial, no que respeita ao combate pela nossa libertação nacional.

Ofensivas poderosas das nossas forças, atingiram as bases militares mais sólidas do inimigo, as zonas urbanas em que se considerava seguro: Mueda, Mocimboa da Praia, Tete Chingozi, Fingoé, Furancungo, Malewera, Chitima, etc. . .

A acção persistente dos nossos guerrilheiros, foi enchendo o corpo do inimigo de numerosas pequenas feridas, que no conjunto significaram uma hemorragia imensa em recursos humanos e materiais. A perse-

verança, a determinação, a convicção do Povo e dos combatentes, dos camaradas engajados no trabalho clandestino, estenderam a presença da FRELIMO a largos sectores do nosso povo, conquistando a confiança e a simpatia de meios crescentes da população europeia.

A nossa luta transforma-se efectivamente na luta de todo o Povo Moçambicano, do Rovuma ao Maputo, sem distinção de idades, de grupos linguísticos, de raças, de religiões, de origem social.

As numerosas conferências que se seguiram à IV Reunião, depois do II Congresso, do Comité Central, em Dezembro de 1972, conduziram a um aprofundamento da nossa análise política, a uma visão mais clara do nosso país, da sua problemática, das bases do antagonismo que nos opõe ao inimigo.

A todos os níveis, em todos os sectores, foi desencadeada uma ofensiva ideológica. Esta aprofundou o conhecimento das largas massas sobre a natureza e objectivos do nosso combate, conduziu a um reforço da determinação popular, a uma agudização

da vigilância que destrói no embrião as tentativas de infiltração e subversão inimigas. Isto permite uma purificação contínua das nossas fileiras e por consequência uma demarcação ainda mais nítida entre nós e o inimigo, um aperfeiçoamento dos métodos de trabalho, do que resultou em definitivo a consolidação da Revolução e do poder popular.

As tarefas que levamos a cabo enraizaram a Revolução, materializaram-na no detalhe da vida quotidiana, tornaram uma realidade mais concreta o poder popular, e poder das massas exploradas, consideradas pelos opressores como matéria bruta, ignorante, incapaz, que só pode ser dirigida pelo chicote e palmatória.

A linha política da FRELIMO, penetra no sangue, e nos nervos de cada combatente, faz parte integrante da nossa vida, os nossos métodos de trabalho tornam-se mais democráticos, mais colectivos, levando assim todos a cada um, a sentirem-se responsáveis pela vida da Organização, pela vida das massas. Donde, a consolidação das estruturas nas zonas libertadas, a partir do círculo. Cada elemento do nosso Povo sentindo-se uma célula inseparável do corpo da FRELIMO, realiza uma tarefa precisa, que ele assume como necessária para o progresso comum. *É esta estruturação das massas que torna operativa a unidade do nosso Povo e a sua consciência.*

É por esta razão que hoje em dia, mesmo quando o inimigo consegue invadir uma zona livre, recorrendo a uma concentração brutal de forças, em pouco tempo é obrigado a retirar-se, a fugir, tendo sofrido baixas pesadas, que lhe foram infligidas pela população organizada.

Assim se reforça a nossa unidade: enraizada na experiência comum de sofrimento, na miséria dos salários, na fome criada pelas culturas forçadas, pela venda dos trabalhadores às minas da África do Sul e às plantações de tabaco da Rodésia, no ódio suscitado pela rapina de terras e gado, na experiência do chicote e palmatória, na machila, na humilhação da caderneta. Alimentada pela nossa linha política justa, cresce a unidade, a volta dos objectivos claros da nossa luta, dos ideais que servem os interesses das largas massas trabalhadoras. Unidade temperada pelos nossos combatentes: o combate colectivo dum produção a favor do Povo: o combate colectivo do estudo que derruba a ignorância, liberta a inteligência e iniciativa, serve o Povo; o combate colectivo que liberta a terra e os homens, contra a máquina de guerra colonial-imperialista; o combate colectivo contra as ideias erradas do passado, que nos subjugavam e impediam de construirmos nós mesmos o nosso destino.

No plano interno, o nono ano foi um ano de popularização da nossa linha, democratização dos métodos de trabalho e das estruturas, colectivização da direcção. Isto tornou a nossa unidade mais operativa, o que se

traduziu numa série ininterrupta de ofensivas militares, que estenderam e consolidaram as nossas zonas, que reforçou a nosso favor a balança de forças existentes com o inimigo.

De Setembro do ano passado aos princípios de Setembro deste ano, as nossas forças liquidaram cerca de 2.300 soldados portugueses, atacaram, destruindo total ou parcialmente 120 bases e postos inimigos, destruíram no solo ou abateram 49 aviões e helicópteros, afundaram 11 barcos, destruíram 283 viaturas militares de todos os tipos, 5 comboios e 13 pontes.

Como reacção a este desenvolvimento político-militar; o inimigo recorre a manobras, crimes e massacres.

Este ano foi intensificada a campanha demagógica de autonomia, como se a contradição entre nós e o colonialismo, fosse a de saber quantos fantoches devem figurar no impotente conselho legislativo, a de termos ou não o título honorífico de Estado, depois de nos terem chamado colónia e província ultramarina. Moçambique apesar de se chamar Estado continua a ser colónia, da mesma maneira que a PIDE, continua a ser criminosa, mesmo se baptizada de DGS.

Como era de esperar, as largas massas não se deixaram enganar pelo palavreado vazio de autonomia. O colonialismo português ao ver rejeitadas as suas palavras açucaradas, intensificou a acção terrorista e subversiva contra as populações.

Bombardeamentos bárbaros com napalm e bombas de fragmentação, sucedem-se do nascer ao pôr do sol, contra velhos, mulheres, crianças, hospitais, escolas, produção. O lançamento de produtos químicos destinados a destruir as nossas machambas, intensifica-se. Tropas helitransportadas, são lançadas cada vez mais contra povoações, para incendiarem, pilharem, destruir, matarem tudo quanto tem vida.

O terrorismo colonialista longe de intimidar o nosso Povo, aumenta a determinação das massas de liquidar o regime opressor. As derrotas político-militares sofridas pelos colonialistas, testemunham amplamente esta determinação.

Por isso, com desespero, os colonialistas recorrem a subversão esperando através dos seus agentes físicos e morais liquidar a FRELIMO.

Eles infiltram sistematicamente agentes com o objectivo de:

1. Propagarem as palavras de ordem divisionistas do inimigo, o tribalismo, o regionalismo, o racismo.
2. Instalar a sua vida corrupta e vícios no nosso seio.
3. Perpetrar crimes.

Isto significa nos planos do inimigo, destruir a luta, para impedir o nosso Povo de conquistar a sua independência.

Paralelamente a subversão, o inimigo multiplica provocações destinadas a fazer crer às massas que a nossa luta viola os seus interesses.

Assim são infiltrados nas zonas de avanço em especial, agentes inimigos, fardados e equipados como nós, dizendo-se combatentes da FRELIMO, com o objectivo de descobrirem os militantes no seio das populações para os liquidar, cometerem imoralidades, crimes e assassinatos públicos. Estas provocações são também dirigidas contra a população europeia: soldados inimigos camuflados de militantes da FRELIMO saqueiam lojas, provocam distúrbios, cometem agressões.

Nas zonas urbanas sucedem-se as vagas massivas de aprisionamentos, milhares de pessoas são encerradas nos cárceres de Machava e Lourenço Marques, Beira, Tete, Ibo, etc. . . Torturas brutais, assassinato de prisioneiros, inclusive velhos, mulheres e crianças, têm lugar quotidianamente. Eminentíssimas personalidades, respeitadas pelo Povo, sacerdotes, pastores, são vítimas da repressão criminosa. A raiva fascista e colonialista agora já, nem poupa a igreja Católica. Sacerdotes são expulsos, presos encarcerados; bispos queixam-se amargamente das humilhações impostas pela PIDE, quando corajosamente denunciam as barbaridades cometidas pelas forças coloniais.

Nas zonas rurais, a campanha infame de internamento das populações em campos de concentração prossegue com intensidade. O ano passado, o número de moçambicanos internados atingia um milhão segundo as declarações oficiais portuguesas, este ano de acordo com as mesmas fontes, mais de um milhão e meio de pessoas encontram-se a viver nos campos de concentração; rodeadas de arame farpado, vigiadas por soldados que cruelmente as abusam e brutalizam, submetidas a campanhas intensas de corrupção ideológica e moral, destinadas a enraizar vícios abomináveis no seu seio, nomeadamente, a prostituição, o consumo de estupefacientes e a bebedeira, estas populações vivem situações duras e penosas.

É dentro deste contexto que devemos situar a vaga crescente de massacres atrozes contra o nosso Povo.

Em consequência do desenvolvimento da nossa luta a opinião pública internacional, mais consciente da natureza fascista do colonialismo português, não se deixou ludibriar pelos desmentidos e juramentos falsos do Governo português. Contrariamente ao que vinha sendo hábito, o massacre de Wiriamu foi largamente denunciado pela imprensa internacional e suscitou uma repulsa e condenação sem precedentes por todos os sectores da opinião mundial. Por duas vezes distintas, o Papa condenou o massacre, numerosos governos aliados de Portugal, exigiram que um inquérito internacional revelasse ao mundo a enormidade do crime.

É certo que a prática de massacres é inerente ao colonialismo. *Não há nem nunca houve, ou haverá colonialismo humano, colonialismo democrático, colonialismo que respeita os interesses do Povo. O crime, a barbaridade a selvajaria, fazem parte integrante do fascismo. Não há nem nunca houve ou haverá fas-*

cismo, sem exploração brutal dos trabalhadores, sem torturas e assassinatos. O colonial-fascismo português porque é sua natureza, comete os crimes mais bárbaros e imundos.

O que é novo, foi o ter-se desmascarado de maneira tão vigorosa perante o mundo inteiro, a verdadeira face do regime colonial português a face assassina, a face terrorista.

Não são as manifestações rotineiras de desagravos, encomendadas pelo governo, enquadradas pela PIDE, que farão esquecer ao nosso Povo que o colonialismo deve ser destruído, que impedirão que toda a humanidade considere o colonialismo português como inimigo do Homem.

Podemos dizer que hoje em dia, o regime português está mais isolado do que nunca. Em toda a parte é denunciado com horror, condenado com firmeza.

Nos países aliados de Portugal, onde durante muito tempo a acção dos governos, encobriu os crimes do colonialismo, desenvolvem-se poderosos movimentos de massa, que forçam esses governos a condenarem publicamente Portugal.

Na Inglaterra, com Marcello Caetano presente, perto de metade do Parlamento britânico condenou resolutamente o colonialismo português. Milhares e milhares de manifestantes nas ruas, obrigavam Marcello Caetano a andar escondido como um criminoso acusado, que é.

Na Holanda, na Dinamarca, na Noruega, na Suécia, os governos oficialmente apoiam os nossos programas de reconstrução nacional e condenam o colonialismo.

Na Itália, o movimento de solidariedade conquistou as amplas massas e todos os sectores anti-fascistas, dos comunistas aos democratas-cristãos, unem-se no movimento de solidariedade para com os nossos Povos.

Na República Federal Alemã, o movimento de opinião contra o apoio às guerras colonialistas, atingiu tais proporções, que os Partidos governamentais - Partido Social Democrata e Partido Liberal, decidiram condenar publicamente o colonialismo português e a sua guerra.

Nos Estados Unidos, multiplicam-se as acções de solidariedade para com o nosso Povo, a colecta de bens financeiros e artigos, ao mesmo tempo que se desenvolve a campanha popular para impedir a ajuda do imperialismo americano a Portugal.

Derrotado pela luta dos Povos de Moçambique, Angola, Guiné e Cabo Verde, Portugal colonialista é desmascarado e denunciado pelos seus próprios aliados.

No Conselho de Segurança da ONU, o ano passado, unânimemente, todos os membros exigiram que Portugal cessasse as suas agressões e negociasse com os movimentos de libertação, representantes autênticos dos seus Povos.

Internacionalmente as condições para a nossa vitória, são cada vez mais favoráveis. Cresce a ajuda fraternal que recebemos, cresce o combate dos Povos irmãos.

Em Portugal, a luta das massas populares contra o fascismo e a guerra colonial, desenvolve-se com intensidade. Todos os sectores honestos da opinião portuguesa denunciam com vigor crescente, o regime de assassinos. Eminentemente personalidades católicas, estudantes, trabalhadores, operários, saem para a rua, aos milhares, condenando a guerra colonial. Simultaneamente, os sectores de vanguarda das forças democráticas e patrióticas portuguesas, organizam acções armadas contra a máquina de guerra colonial.

Em Angola intensifica-se a luta popular, sob novas perspectivas de unidade, com o MPLA à frente do trabalho de mobilização das massas e direcção da luta armada.

Na Guiné e Ilhas de Cabo Verde, o assassinato em Janeiro passado do nosso camarada Amílcar Cabral, Secretário-Geral do PAIGC, contrariamente às intenções do inimigo, não desmobilizou o PAIGC. Tendo destruído a supremacia aérea colonialista, os nossos companheiros desencadeiam operações poderosas contra as bases inimigas, inflingindo as tropas portuguesas derrotas vergonhosas.

Em São Tomé e Príncipe, nome que evoca terríveis sofrimentos para o nosso Povo, as forças patrióticas sob a direcção do Movimento de Libertação de S. Tomé e Príncipe, intensificam o trabalho clandestino de mobilização e organização das massas.

Em Zimbábwe, a luta contra o regime minoritário passou a uma fase mais alta, e oferece perspectivas encorajadoras.

Na África do Sul, sob a direcção do ANC têm lugar greves e manifestações poderosas, que criam as condições favoráveis ao crescimento do movimento contra o regime opressor.

Na Namíbia, sob a direcção da SWAPO, prossegue o combate, quer sob a forma de manifestações e greves, quer ainda sob forma armada.

A África inteira manifesta o seu apoio resolutivo a nossa causa. A Conferência dos Chefes de Estado por ocasião do X aniversário da OUA, foi uma demonstração unânime de apoio à nossa justa luta de libertação nacional.

Para melhor tomar presente a realidade da nossa luta, para popularizar o apoio ao nosso combate e levar cada africano a assumi-lo, delegações de alto nível da FRELIMO, visitaram a convite dos respectivos governos e Chefes de Estado, diversos países da África: República da Guiné, a Costa do Marfim, a Serra Leoa, o Zaire e o Congo. Em toda a parte fomos recebidos com o maior carinho, solidariedade, em toda a parte reforçou-se o respeito para com o nosso Povo e Organização, aumentou a ajuda fraternal.

Ao nível africano devemos endereçar uma mensagem

particularmente calorosa aos povos. Partidos e Governos dos países irmãos, que servindo de rectaguarda segura da nossa luta, superam dificuldades, enfrentam provocações, subversões e agressões, para cumprirem exemplarmente, o seu dever internacional de solidariedade.

A vitória gloriosa dos Povos heróicos do Laos e Camboja e em especial do Vietnam, constitui uma contribuição valiosa, teórica e prática, para o nosso combate. A derrota do imperialismo mais poderoso, mais cruel e bárbaro, o imperialismo americano, mostrou-nos numa maneira viva, que a luta será sempre vitoriosa desde que saibamos unir o Povo à volta de uma linha correcta.

A FRELIMO firmemente apoia a justa luta dos Povos árabes pela recuperação dos seus territórios e a conquista dos Direitos do Povo Palestino à sua Pátria. O Sionismo, tal como o colonialismo português na nossa Pátria, ou o apartheid na África Austral, é apenas uma máscara, um instrumento da agressão imperialista contra os Povos.

Como sempre, os nossos aliados naturais, os países socialistas e nomeadamente a China, a URSS, a Roménia, a República Democrática Alemã, a República Popular Democrática da Coreia, a Bulgária, a República Democrática do Vietnam, a Jugoslávia, cumprem numa maneira exemplar o seu dever internacionalista em relação a nós. O apoio político, moral, diplomático e material que nos prestam, aumenta continuamente.

O crescimento do movimento internacional de solidariedade, está intimamente ligado ao desenvolvimento da nossa luta. Os sacrifícios e o sangue que o nosso Povo oferece, não só libertam Moçambique, como também são uma contribuição à causa comum de todos os Povos, à frente unida mundial anti-imperialista. É por isso, é porque soubemos definir correctamente o inimigo, soubemos definir os nossos amigos, que hoje se reforça a frente mundial que nos apoia.

A nossa luta atinge hoje uma nova fase: claramente, a luta de libertação nacional, estabeleceu as bases da Revolução democrática e popular, ao mesmo tempo que os interesses postos em causa pelo nosso combate, levaram-nos a uma confrontação directa e aberta com o imperialismo.

É isto, combinado com as enormes derrotas político-militares sofridas pelos colonialistas portugueses, que explica a acção actual inimiga, destinada a modificar a natureza da agressão contra o nosso Povo.

Abertamente e sem limitações, a África do Sul e Rodésia entram em guerra contra o nosso Povo. Os capitais e armas, os recursos científicos e técnicos, as experiências das guerras de agressão, dos Estados Unidos, da França, da Inglaterra, da Alemanha Federal e outros países imperialistas, são postas a disposição das forças que nos atacam.

A internacionalização da agressão contra o nosso Povo

tornou-se um facto.

Mas esta acção não se destina já a salvar o regime colonial português, por todos desprezado como retrógrado e incapaz. Trata-se sim, de salvar os interesses imperialistas de explorar o nosso Povo, pilhar os nossos recursos, bloquear o crescimento do movimento revolucionário popular, na nossa zona e em África.

Por isso de guerra colonial, o combate inimigo transformou-se já em guerra imperialista de agressão.

Paralelamente e para tentar diminuir as suas baixas crescentes e alarmantes "mudando a cor dos cadáveres", os colonialistas portugueses aceleram a criação dum exército fantoche utilizando, OPV, GE, GEP. nesta acção e para tentar iludir os soldados fantoches, recrutados à força, os colonialistas vão ao ponto de prometer demagógicamente, uma "independência" aos seus agentes, se estes provarem serem carrascos eficientes do seu próprio Povo.

Esta acção inimiga é um índice seguro da derrota eminente, da confusão e caos nas fileiras colonialistas portuguesas, que nenhum general pode salvar. A prática demonstrou em Moçambique, que sucessivamente, os planos geniais, como a dezena de generais e governadores que os conceberam, serão julgados pela história como criminosos e impotentes perante a luta popular, porque é impossível tapar-se a fogueira com lenha seca.

É bom que os fantoches e traidores do Povo reflectam: inelutavelmente, o Povo moçambicano vencerá, a FRELIMO vencerá. Eles nunca poderão refugiar-se em Portugal, os colonialistas, perdidos, ou derrotados vão abandoná-los. Fizeram-no, os colonialistas franceses e imperialistas americanos na Indochina; fizeram-no, os colonialistas franceses na Argélia; vão fazê-lo, os colonialistas portugueses em Moçambique. Em Portugal mesmo, a cólera do Povo contra o regime fascista cresce. Marcello Caetano e os seus sequazes, serão derrubados pelo Povo português.

A FRELIMO acolhe com clemência e compreensão, com alegria e espírito fraternal, todos aqueles que se arrependam sinceramente dos seus crimes e queiram servir o Povo.

Vimos a situação presente, importa-nos determinarmos agora as nossas tarefas, as tarefas da fase exaltante em que entramos, as tarefas para o Décimo Aniversário do desencadeamento da nossa guerra popular de libertação.

A análise demonstra que a contradição entre nós e o inimigo se agrava, se aprofunda, ao mesmo tempo que as fileiras coloniais-fascistas estão minadas de contradições, rivalidades, lutas intestinas.

Os aldeamentos, que são a última invenção do inimigo, cópia do que se fez no Vietnã, tornam-se de uma maneira crescente, pontos de partida para a extensão da luta, novos focos para alimentar a fogueira da guerra popular. A população expulsa das suas terras, submetida aos vexames e brutalidades das

tropas coloniais, adquirem uma experiência mais directa e viva da natureza exploradora e criminosa do colonialismo. O seu ódio contra a opressão, é fertilizado pelas acções quotidianas do regime colonial-fascista.

As vagas de repressão que têm lugar nas zonas industriais e urbanas, atingindo todos os sectores, da classe operária aos funcionários, dos alunos do ensino secundário e estudantes universitários às personalidades religiosas, criaram as condições favoráveis, para a transformação do trabalho clandestino, em formas superiores de luta.

A população trabalhadora portuguesa, em Moçambique, os estudantes e funcionários que deviam servir de baluarte das forças coloniais fascistas, progressivamente compreendem e aceitam os nossos objectivos claros e justos.

A nossa acção que sempre soube firmemente distinguir o Povo português e a população trabalhadora branca, do colonialismo português, criou uma situação propícia para o engajamento massivo nas nossas fileiras, de todos que sintam que Moçambique é a sua Pátria, a Pátria de todos os Moçambicanos, sem distinção de raças, crenças, origens sociais e étnicas.

A FRELIMO está aberta a todos que querem combater o regime colonial-fascista, nós somos uma frente cada vez mais larga, em que todos os moçambicanos têm o seu lugar e a sua tarefa.

Estender a luta, libertar a terra e os homens, a generalização da ofensiva, como definiu o nosso Comité Central, é a tarefa principal da fase presente. As condições são muito favoráveis, o nosso Povo quer a liberdade e a independência.

Levar a cabo esta tarefa gigantesca, requer de nós uma acção precisa em todos os sectores.

É necessário primeiramente, que os quadros, factor decisivo da nossa luta, os militantes nossa vanguarda, as largas massas, nossa força principal, assumam e vivam no detalhe do quotidiano, a nossa linha política.

Intensificar a ofensiva ideológica é a condição principal da vitória. É a linha política justa que nos transforma de fracos em fortes. É a linha errada que nos faz cair de fortes para fracos.

É isto o que vemos todos os dias em Moçambique: os colonialistas apesar da enorme força material, porque estão numa posição errada, sofrem derrota sobre derrota, são obrigados a abandonar a terra e caminhar forçosamente para o túmulo. Nós que tínhamos apenas 250 combatentes mal armados, há 9 anos atrás, porque possuímos uma linha correcta, crescemos de fracos para fortes, acumulamos vitórias, libertamos já 1/3 da nossa Pátria e preparamo-nos para a assalto final.

É intensificando a ofensiva ideológica, que sabermos como ganhar a nossa causa novas gentes, como atingir novos e mais amplos sectores da população. É a ofen-

siva ideológica seguida da prática consequente, que demarcará ainda mais a distinção entre nós e o inimigo, agudizando por isso mesmo o nosso sentido de vigilância o que nos permite detectar e destruir imediatamente toda e qualquer infiltração inimiga, toda e qualquer manobra subversiva e reaccionária. É a ofensiva ideológica que aprofundará o nosso conhecimento sobre o inimigo, a sua natureza criminoso, os seus métodos refinados e cruéis, levando-nos assim a prevêr todos os seus planos e a destruí-los antes da execução.

O inimigo pode usar as mesmas fardas e equipamento, pode usar a mesma linguagem, falar a mesma língua, pode ser do mesmo grupo étnico, pode ser da mesma cor que nós. Mas há uma coisa que ele nunca pode, nem poderá fazer: viver o nosso comportamento, viver a nossa linha de servir o Povo. É aí que ele se desmascara, é aí que não se pode camuflar. Tudo o que ele faz, é para explorar o Povo, dividir o Povo, afastar o Povo da luta, agredir o Povo. Tudo o que nós fazemos, é para libertar o Povo, unir o Povo, mobilizar o Povo, servir o Povo. Por isso, os agentes inimigos são e serão sempre desmascarados, e as suas manobras neutralizadas.

Para que a ofensiva ideológica viva, para que a linha política se torne a força material imensa que constroi a nova sociedade, é fundamental que ela seja vivida na prática, que ela seja assumida e vivida pelos milhões de Moçambicanos, pelas largas massas. Sem prática revolucionária, sem a participação activa das massas, a linha política torna-se uma série de palavras vazias.

A intensificação da ofensiva ideológica, corresponde a um desenvolvimento do estudo político e científico, a um aprofundamento do combate contra os vícios e defeitos, as ideias erradas e os hábitos herdados da velha sociedade, a um novo ímpeto na crítica e auto-crítica, ao nível do indivíduo e da colectividade, para se reconstituírem os militantes, se rectificarem, se democratizarem e se colectivizarem os métodos de trabalho, sintetizarem-se as experiências, libertarem-se as iniciativas.

Evitemos o espírito de vitória, os métodos rotineiros, para podermos prevêr a evolução da situação, desenvolvermos a nossa capacidade de análise para apreender o conjunto.

Em definitivo, isto é tornar a nossa unidade uma fortaleza invencível de aço, porque assenta sólidamente na unidade ideológica, na unidade de interesses e objectivos das massas laboriosas exploradas.

O trabalho organizativo, o estabelecimento de estruturas, é o instrumento operacional deste combate.

Queremos que o grupo se torne a célula da organização política, no seio do exército. É ao nível do grupo no exército, ou do círculo nas populações, que a linha política deve ser estudada à luz das experiências práticas. É aí que se deve organizar a troca de experiência de sofrimento, a troca de conhecimentos adquirida pelo estudo e prática; é aí que se deve organizar a crítica e auto-crítica,

para libertarmos-nos do peso morto do passado e aprofundarmos a nossa demarcação com o inimigo, reforçarmos a nossa vigilância. É ao nível do grupo ou do círculo, que devemos estudar e planificar as nossas tarefas, saber como combinar a tarefa principal com as restantes, como distribuir as tarefas e estabelecer as prioridades, *analisar o trabalho feito, sintetizar as experiências.*

A ofensiva ideológica é também uma ofensiva de estruturação, uma ciência de organização, uma ofensiva para popularizar a linha, democratizar os métodos de direcção colectivar o nosso trabalho.

É esta acção que consolidará as zonas libertadas, fará delas a rectaguarda estratégica segura, que permitirá alimentar e apoiar as nossas frentes, desenvolver a construção da nova sociedade.

A este nível queremos saudar com alegria e entusiasmo, a decisão tomada pelo Comité Central de criar a Organização da Mulher Moçambicana, um novo braço da FRELIMO que irá mobilizar o sector mais oprimido e explorado do nosso Povo. Recomendamos vivamente que se organizem na base, que se organizem no círculo, porque só assim atingirão a mulher mais afastada, mais desorganizada, mais abandonada ao peso das ideias e tradições mortas.

Os sucessos e vitórias que alcançamos foram construídos com muitos sacrifícios e sangue. A nossa revolução a nossa guerra foram fertilizadas, alimentadas pelo suor e sangue dos seus militantes.

Queremos nesta celebração evocá-los a todos e em particular o nosso camarada Francisco Manyanga, membro do Comité Central, veterano da luta, um dos fundadores do nosso exército, que se entregou inteiramente ao combate de produção, ao combate da reconstrução nacional, ao combate de edificação do Homem novo.

Que o exemplo de vida, e exemplo de dedicação e coragem revolucionária oferecidos pelos camaradas que se sacrificaram, viva intensamente em nós, estimulando-nos a cumprir o nosso dever nacional e internacional.

Entramos hoje no ano do décimo aniversário da nossa guerra popular de libertação. Vamos construí-lo com novos e maiores combates, para que a nossa luta se estenda, do Norte ao Sul, do leste a oeste, do campo a cidade, para que Moçambique se torne a Pátria livre do povo trabalhador de Moçambique.

Viva o IX ano da nossa luta.

Viva o Dia 25 de Setembro dia da Revolução.

Viva as Forças Populares de Libertação de Moçambique

Viva a Memória inesquecível do Presidente Eduardo Mondlane.

Viva o Povo Moçambicano unido do Rovuma ao Maputo

Viva a FRELIMO

Construamos o Décimo ano da guerra popular.

A Luta Continua,

Independência ou Morte

Venceremos

